

O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADES: UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO RACIAL

Maria de Souza Cavalcante¹
Ingrid Larissa Pedroza Barros²
Dayse Cabral de Moura³

RESUMO

Esse artigo tem por objetivo propor a reflexão sobre o papel da escola na formação da identidade racial, para tal, foi usada uma base bibliográfica de pesquisa, nas quais utilizamos os conceitos de branquitude, branqueamento, estereótipos do negro no livro didático, entre outros. Na metodologia utilizamos entrevistas semiestruturadas. O tratamento dos dados foi feito com a análise temática de conteúdo. Observamos que os sujeitos da pesquisa, independente do gênero, contextos e idades tinham em comum que todos se consideram pessoas negras ou pardas e falam de suas experiências com o racismo, apontando as implicações para a afirmação de suas identidades negras. Apresentaremos uma análise sobre os resultados das questões respondidas pelos entrevistados, buscando evidenciar como o racismo presente nas escolas pode interferir nos processos de construção e afirmação da identidade racial, bem como, o desenvolvimento e o sucesso escolar dos estudantes negros (as).

Palavras-chave: Identidade racial. Educação. Racismo.

INTRODUÇÃO

Esse artigo é fruto de questões levantadas na disciplina Educação e relações etnicorraciais no Brasil, uma disciplina eletiva oferecida no Curso de Pedagogia, no Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Observamos que a escolha por aquela disciplina eletiva trouxe vários conceitos novos para nós. Sempre tivemos a consciência de que ser mulher nos traria vivências e problemáticas pelas quais nenhum homem iria passar, sendo assim, também refletimos sobre a branquitude e como as pessoas brancas desfrutam de privilégios numa sociedade racista. Pensando como educadoras, sempre procuramos nortear os estudos e fatos que se apresentam a nós voltados para a educação. Acreditamos que a escola é um campo de transformação, onde os profissionais da educação auxiliam na formação do aprendizado, cidadania e construções de identidades dos educandos. Essa construção pode ser positiva ou negativa, dependendo das experiências que cada um vivencia.

Qual o papel da escola na formação de identidades das pessoas negras? Como esse espaço pode ou não contribuir para a identificação e orgulho da ancestralidade, a história e cultura dos(as) negros(as)? Não há pretensão nesse artigo de lançar respostas definitivas a

¹ Graduanda de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, mari13_cavalcante@hotmail.com;

² Graduanda de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, laripedroza04@gmail.com;

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, mouradayse@yahoo.com;

essas questões, mas sim, provocar a reflexão da importância mudança de nossas atitudes pedagógicas, desenvolvendo práticas inclusivas e antirracistas poderemos tornar o ambiente escolar um campo de crescimento saudável e cumprir o nosso dever de promover a educação para todos, como diz o art. 205 da nossa Constituição Federal "visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

A seguir descreveremos os caminhos metodológicos que utilizamos para o estudo e escrita do presente trabalho.

METODOLOGIA

A pesquisa que realizamos durante a disciplina Educação e Relações Raciais se configuraram como uma investigação de natureza qualitativa, que segundo Markoni e Lakatos (2003), é uma metodologia de caráter exploratório e interpretativo a partir dos dados coletados durante a pesquisa. Com predominância descritiva, tendo foco no processo e não apenas nos resultados finais, buscando entender o fenômeno da construção da identificação racial. A caracterização desse estudo se dá pela particularidade do envolvimento processual não só do público alvo, mas também da escola como promotora do empoderamento de estudantes. Nesse contexto, também de várias dimensões sociais, educacionais que podem nos acrescentar novos sentidos não só para a educação escolar, como também para o processo de aprendizado dos indivíduos em questão.

Do ponto de vista procedimental, a pesquisa engloba fases de análise bibliográfica e entrevistas semiestruturadas, pois, compreendemos que com esse tipo de entrevista conseguiríamos dar ênfase a processos e histórias que pudessem surgir. As entrevistas foram feitas com pessoas em contextos diferentes, mas tinham algo em comum: todos eram pessoas que se definiram como negras. As questões feitas foram: Qual a sua raça? Como foi sua vida escolar? Você gostava da escola? Mas, a partir das particularidades de cada um surgiram novos questionamentos que serão detalhados na análise deste artigo. Abaixo o quadro dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

Sujeitos	Perfil
Maria	Mulher de 45 anos, hoje se considera negra, teve seu único filho aos 16 anos. Quando criança após o falecimento da mãe, seu pai,

	por não ter condições, a entregou para trabalhar na casa da senhora Zezita, que também era avó de seu filho.
Henrique	Homem de 27 anos se considera pardo. Tem ensino superior completo, estudou sempre em escola e faculdade particular com a ajuda da avó, é filho de Maria.
Michele	Mulher, não disse sua idade, professora da Educação Infantil em rede particular de ensino e mãe de uma menina. Estuda Pedagogia na UFPE. Hoje se identifica como negra, mas tem ressalvas quanto a isso.
Gabriel	Homem de 23 anos. É gay, ativista, drag e DJ. Trabalha em boate LGBT de Recife. E é um dos organizadores da festa BAFRO, voltada ao público negro.

DESENVOLVIMENTO

O Brasil é um país racista. Apresenta o racismo de forma estrutural, institucional, estética, ideológico, cultural e epistemológico de várias formas no cotidiano. Em contraponto, nossa população é miscigenada e sua maioria negra. O Brasil só perde para a Nigéria em número de população negra. Apesar dos negros serem maioria em números é minorias em direitos.

Essa população traz consigo traços históricos, sociais e também fenótipos como cabelo crespo ou cacheado, nariz largo, lábios grossos e a própria cor da pele. Muitas vezes por autoproteção, há um movimento de negação do reconhecimento como negro. Como vimos nos dados acima a maioria se considera parda. Internalizamos a associação do que é negro ao que é ruim. Quantas vezes nós não falamos que ‘a coisa estava preta’. Como aceitar seus traços, se não se orgulha deles? Como obter formação se você não se conhece e se reconhece negro(a)? Segundo Moura (2014, p.43) “o movimento negro identificava o peso da herança do passado escravista na medida em que essa deixou marcas profundas no que se refere à educação da população negra”. Ressaltamos assim o papel da educação para conhecimento da História, Cultura e Africana, Afro-brasileira e a afirmação de identidades negras.

De acordo com Munanga (2009, p.19)

A busca da identidade negra não é, no meu entender, uma divisão de luta dos oprimidos [...] Entre seus problemas específicos está, entre outros, a alienação do seu corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história e conseqüentemente sua 'inferiorização' e baixa estima, a falta de conscientização histórica e política, etc [...] A recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos de identidade.

Nossa sociedade nos leva a hierarquizar tons de pele, e poucas são as pessoas que param para refletir: Porque é tão importante parecer branco? Ter nariz afilado e cabelo liso? Para tentar chegar a esse ideal muitos se submetem a químicas desde muito cedo, cirurgias plásticas, tentando saciar os instintos de branquear as pessoas para que elas se sintam valorizadas. Para Silva (2007, p. 97):

A ideologia do branqueamento além de causar a inferiorização e a auto-rejeição, a não aceitação do outro assemelhado étnico e a busca do branqueamento, internaliza nas pessoas de pele clara uma imagem negativa do negro, que as leva a dele se afastarem, ao tempo em que vêm, na maioria das vezes, com indiferença e insensibilidade a sua situação de penúria e o seu extermínio físico e cultural, atribuindo a ele próprio as causas dessa situação.

Para mudar uma situação/pensamento tão enraizado na nossa sociedade, é necessário o uso da educação como mecanismo de transformação. O movimento negro teve algumas vitórias como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Sobre esses avanços, Moura (2014, p.46) cita que:

Uma das grandes conquistas dos movimentos negros em relação à educação e às relações étnico-raciais foi a promulgação da Lei 10.639/03. A educação das relações étnico-raciais em nossa sociedade torna-se imprescindível na medida em que contribui para que a escola brasileira, pública e privada, possa realizar uma revisão de suas posturas, procedimentos, atitudes, valores, conhecimentos, currículos quanto ao tratamento dado à diversidade étnico-racial.

É por meio da nossa cultura, que estipulamos valores, convenções e representações extremamente racistas, segundo Gomes (2003) a escola não é o único, mas é um dos principais espaços educativos, que por sua vez reflete a sociedade, ainda assim, podemos não só nos adaptarmos a esse meio, mas transformá-lo. Essa mudança parte de cada um de nós, de enxergamos o livro didático, as ações pedagógicas, o currículo e a formação dos nossos estudantes de maneira mais empática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Educação, substantivo feminino definido como ação ou efeito de educar. Palavra que vai além de preparar para avaliações, é aperfeiçoar as capacidades de alguém. Na escola, professores e gestores têm a oportunidade de formar estudantes também no contexto social e moral. É também um local de refúgio para muitas pessoas. Como bem demonstrou Maria, para ela "a escola era o lugar que eu mais gostava de ir nessa vida. Acordar para ir para a escola todos os dias era minha alegria... em casa eu tinha que lavar a roupa dos meninos, arrumar a casa... aí pronto, eu indo para lá, eu não ia fazer serviço".

Essas palavras, infelizmente, mostram uma realidade que é constantemente vista nas escolas públicas. Mesmas escolas que se apoiam muitas vezes em livros didáticos nada representativos que discriminam o negro e a sua história com currículos fechados que ignoram a realidade de que pessoas são diferentes, criando estereótipos, e esse tipo de distinção pode levar muitas vezes a não aceitação dos traços estéticos, do fenótipo da população negra. Como veremos no depoimento a seguir de Maria:

"Minha patroa dizia assim: Menina, pega esse cabelo de pixaim, faça uma massagem com uma banha boa e mande escovar esse cabelo. É tão tal, que a cabeleireira vinha aqui em casa, dava massagem e escovava, pra ficar lisinho e disfarçar. Eu fazia, mas eu não gostava do meu rosto, eu achava que não combinava, naquela época eu achava o que, que eu nasci pobre, negra e ainda com o cabelo ruim".

Esse relato de Maria aconteceu em sua casa, mas se na escola ela tivesse contato com uma educação que acolhesse, ela possivelmente conseguiria criar para si uma consciência de aceitação, e não incorporaria a hierarquização de cores de pele que a sociedade nos impõe na tentativa de fazer todos serem branqueados.

"Me tinham como pardo... eu me camuflava né ... eu tinha brincadeiras mega racistas com meus amigos da escola. Eu sofria preconceito e não sabia", essa foi uma fala de Gabriel, mas pensamentos como esse não se apresentaram só com ele, Michele disse que a pergunta sobre qual raça era a dela a deixava desconcertada "passei tanto tempo ouvindo que não era preta, que eu sou morena clara que minha vida inteira acreditei nisso".

Quanto a sua vivência na escola ela afirmou sempre se sentir estranha, "nas brincadeiras da escola, em casa com minhas primas, até com um filme, eu não me identificava, eu olhava e não parecia comigo. Era como se eu não parecesse com nada".

A falta de identificação com a identidade racial veio também por meio das falas de Henrique que se apoiou na biologia para responder qual é a sua raça “percebi que eu posso ter ou não uma consciência de raça é uma questão biológica. No meu caso meu pai é branco e minha mãe é negra, não sou completamente branco, nem completamente negro”. Ao mesmo tempo cita seus traços: “cabelo cacheado, lábios carnudos, olhos escuros”. E diz que sempre foi acostumado a cortar o cabelo muito curto, e que ainda hoje não o deixa crescer porque acha “feio, não combina”.

A educação a qual Henrique se refere se mostra também no discurso de sua mãe que afirmou que quando o filho nasceu: “a avó achava ele escuro, ela quando dava banho nele, depois dava um banho de talco, para ele ficar branco”. “Ela nunca dizia que ele era negro, dizia que se ele tivesse nascido um pouco mais claro, era mais bonito, mas porque sua mãe é dessa cor né? Mas seu pai é branco”. Possivelmente ações e falas como essas normalizadas no dia-a-dia tenham feito Henrique não se identificar hoje como negro e contribua para o processo de auto rejeição, baixa autoestima dos sujeitos negros(as), numa sociedade que ressalta a branquitude em todos os aspectos, inclusive na estética.

São comuns na infância os primeiros indícios de não aceitação se apresentarem nas crianças, isso foi identificado na fala de Michele quando ela relata uma situação vivenciada com sua filha:

“Esse final de semana fomos à praia, minha filha virou para mim e disse:

- Ai meu Deus, eu tô muito preta! Tá feio, mamãe! Eu fiquei muito preta!

Eu coloquei meu braço do lado do dela e disse que eu estava mais escura que ela, perguntei se ela me achava feia, ela disse que não... Na sala de aula dela não tem negro, as melhores amigas dela são super brancas, talvez seja projeção o que ela faz, aquilo que ela quer alcançar se afasta muito da minha cor”.

Mais uma vez a escola se apresentando como um campo importante nas vivências que influenciam a formação de identidades. Em quantos livros didáticos vemos pessoas negras em posições de status, boas profissões? Na maioria das vezes, a escola e os materiais pedagógicos, muitas vezes se resumem a falar sobre a população negra apenas no dia 20 de novembro, que é o dia da consciência negra e em gravuras e falas que só relacionam o passado das pessoas negras com a escravidão.

Gabriel quebrou essa imagem e hoje em dia ajuda a organizar a festa BAFRO “ela é voltada para o público negro, desde todo mundo que trabalha ao público em si, ela é aberta e voltada para o público negro. Busca enaltecer a cultura negra e divulgar o trabalho de pessoas negras” para ele:

"Todas as escolas deveriam ter um núcleo de direitos humanos. As pessoas acham que essa educação contra a intolerância só tem que acontecer em um nível de escolaridade maior, e as crianças sofrem mais na escola... Ela precisa ser mais ativa, as escolas precisam trabalhar mais, pensar no ser humano como individual e não apenas em dar o que elas precisam para passar no Enem. O reflexo de muitas pessoas não conseguirem chegar até o Enem, é porque a escola não é um ambiente acolhedor. Eu vou lembrar-me de todos os meus professores que me acolheram".

E é isso que devemos ser acolhedores, entender que receberemos pessoas diferentes, com problemas e aparências diferentes, mas que com dedicação e um trabalho pedagógico específico para a inclusão das diferenças e o combate às práticas racistas, poderemos evitar que relatos como esses sejam tão comuns no futuro, quanto são agora. Porém, se nossa escolha for a alienação, o silenciamento quanto ao assunto, e não nos posicionarmos nossos alunos(as) poderão futuramente se evadir da escola e ter falas como essa de Maria:

"Na escola a gente não falava sobre isso, se perguntassem eu não dizia ser negra, eu nem pronunciava essa palavra, eu dizia morena, e dizia mais assim, morena clara. Eu não gostava dessa palavra, porque eu associava a quem não tem respeito, quem não é ninguém, quem não vai ser ninguém na vida".

Para Gabriel:

"Os professores não entendiam, fingiam que não viam e eu acho que se algum professor chegasse em mim e dissesse: 'Gabriel, que cor linda você tem!', 'Gabriel seu cabelo é lindo!' 'Gabriel sua mãe é uma mulher negra linda!' 'Sua família é linda!' Eu nunca ouvi isso. As pessoas faziam questão de eliminar o fato de eu ser uma pessoa negra, me tiravam como pardo e quando outras tinham a pele mais escura elas condenavam. E infelizmente, a gente vai carregar os bons e maus abraços que tivemos na escola, infelizmente, às vezes os maus abraços refletem no nosso futuro".

Apesar das experiências fortes como vítima de práticas de racismo, no fim da entrevista ficamos felizes de ouvir o depoimento de Maria que revela o processo de aceitação de sua identidade negra: "Eu sou negra, sou negra e gosto da minha cor, e gosto do meu cabelo assim... Hoje graças a Deus, quanto mais afubalhado ele tiver, mais eu acho bonito".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observamos vários caminhos se apresentam a nós educadoras, e podemos fazer a opção de ser conivente com essa formação exclusiva, que deixa marcas sofridas em nossos(as) estudantes, que priva a todos de aprender a conviver e respeitar as diferenças, ou aceitarmos acolher e ensinar que somos pessoas iguais em direitos e deveres, mas diferentes

quanto ao gênero, classe, raça, religião, crenças, sexualidade, geração, territorialidade, opiniões, escolhas e tantos outros pontos que nos tornam particularmente quem somos. “Aceitar as diferenças pressupõe atribuir-lhes igualdade de direitos e oportunidades. O respeito às diferenças implica numa reciprocidade na igualdade de relações” (Silva, 2007, p.95).

O ideal é que toda a comunidade e organização escolar estejam voltadas para a inclusão de todos. Cada um, individualmente possa começar a refletir sobre a temática, identificar e corrigir situações que apresentem episódios de machismo, sexismo, homofobia, racismo, estereótipos, a estigmatização, e por vezes desumanização, que essas pessoas sofrem no dia-adia, ter cuidado com o material que é levado para a sala e que é trabalhado, se o livro didático lhe for imposto, trabalhar de forma crítica e reconstruir a ideia de Cultura e História Africana e Afro-brasileira. A esse respeito Silva (2010) declara:

“Ensinar que a diferença pode ser bela e enriquecedora, que o diferente, o distinto étnico-racial e outros, não são desiguais, é fundamental na luta pela cidadania plena. É um grande passo para reconquistar da autoestima e cidadania dos descendentes de africanos, que por possuírem a pele mais escura e os cabelos mais crespos, são denominados negros e são estigmatizados e excluídos”.

A identificação com o que você é, com as características que você tem são a base que serve para construir uma identidade forte, que possa enfrentar todas as dificuldades que se apresentam e ainda vão se apresentar por muito tempo na vida das pessoas negras. Esperamos com esse artigo ter ajudado na reflexão de que nós educadores(as) não devemos nos esquecer do que nossa profissão representa no processo de formação humana e construção de identidades, inclusive a identidade racial. É importante compreendermos o nosso dever de darmos passos rumo ao reconhecimento das diferenças e o respeito aos direitos que todos têm de ter a uma educação de qualidade, democrática e inclusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2006. Disponível

em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-dasRelacoes-Etnico-Raciais.pdf>

EDUCAÇÃO. Dicionário online de Português, 25 nov. 2018. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/educacao/>>. Acesso em 25 nov. 2018.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p.167-182, jan./jun. 2003.

MOURA, Dayse Cabral de. Leitura e Construção de Identidades Raciais na Educação de Jovens e Adultos. Recife: Editora UFPE, 2014.

MUNANGA, Kabengele. Negritude usos e sentidos. 3º edição. São Paulo: Autêntica, 2009.

SILVA, Ana Célia. Branqueamento e Branquitude: Conceitos básicos na formação para a alteridade. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria. Memória e formação de professores. Salvador: Edufba, 2007. p.87-101.

SILVA, Ana Célia. Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático. 2º edição. Salvador: EDUFBA, 2010.